

## Memórias de uma trajetória inesquecível

Antonio Alone Maia<sup>1</sup>

A minha experiência de vida, tanto pessoal quanto acadêmica, é constituída de várias etapas e vivências nas missões católicas em vários lugares, 1) dentro do meu País de origem, Moçambique, 2) nos países vizinhos, África do Sul e Zâmbia e 3) fora da África, aqui no Brasil, concretamente em São Paulo.

Esses momentos tem sido um marco histórico na minha vida, pois têm contribuído para o que sou hoje e o que venho desenvolvendo. As pesquisas na academia, afinidades com os temas e a consolidação da minha identidade tem sido fruto dessas experiências.

Cheguei em São Paulo no ano de 2003 para começar a graduação em Teologia. Na época era escolástico. Em 2004 comecei os estudos teológicos na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção tendo terminado em 2007. Esse período foi de grandes oportunidades para conhecer a realidade social e eclesial brasileira. Quando estava em Moçambique já tinha ouvido falar das Cebcs (Comunidades Eclesiais de Bases) nos anos de 1985-1990. De fato, esse modelo de comunidade havia sido implantado na Paróquia da qual eu fazia parte em Moçambique, pelo Reverendo Padre Severino Peano, que já tinha trabalhado no Brasil muitos anos atrás.

Foi uma experiência muito interessante, pois nesse período Moçambique vivia ainda uma guerra civil que havia começado em 1977 e só viria a terminar em 1992. A paróquia que eu pertencia ainda não tinha comunidades. O Reverendo Severino Peano, com a experiência que já tinha do Brasil, fundou várias comunidades de acordo com os bairros da cidade do Songo a partir dos anos 80. Cada comunidade tinha as suas lideranças e uma vez por semana havia uma celebração nas mesmas. Elas também podiam reunir-se para um conselho, ensaios de canto ou celebrações.

Os líderes das comunidades eram também catequistas da paróquia. Esse modelo de igreja formada por pequenas comunidades de base, que se juntavam de casa em casa para rezar encontrei aqui em São Paulo em 2003.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia Sistemática pela PUC-SP e Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Pesquisa temas relacionados à Africa-Moçambique e atualmente desenvolve um projeto no Doutorado sobre Dinamismo Socio-Cultural no Vale do Zambeze. É membro e pesquisador da Casa das Áfricas e do Cerne - USP - Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras.

Em 2004 comecei a graduação em Teologia e cada vez mais ficava encantado pelos temas teológicos que estudava. Ao mesmo tempo que fazia os estudos teológicos na faculdade, aos finais de semana, ou mesmo durante a semana à noite dava formação bíblica para as lideranças das comunidades da zona Leste e mais tarde na região oeste – Barra Funda.



*Imagem 1 - Momento de formação, Comunidade Nossa senhora das Angustias*

Dar formação bíblica às lideranças fazia com que nós, enquanto estudantes de teologia tivéssemos um conhecimento mais profundo dos temas e da hermenêutica bíblica, para que, de forma mais simples, pudéssemos passar para as lideranças aquilo que foi a história do Antigo Israel, dos Patriarcas até ao Êxodo e a experiência das primeiras comunidades cristãs. Cabe lembrar que, a história de Abraão inicia na Mesopotâmia, enquanto que a do êxodo no Egito. O termo Mesopotâmia vem do grego e significa Entre-Rios, ou seja, é a região que ficava entre os rios Eufrates e o Tigre (BALANCIN, 2002, p. 5).

Neste contexto, um dos aspectos mais importantes foi de mostrar as conexões entre o Oriente Médio e a África no mundo bíblico. Aquela região do planeta que abrange parte da Ásia e da África já era há muito tempo um berço de grandes civilizações e impérios, tais como a Suméria, Acad, Assíria, Mitani, Império Hitita, Urartu e o Egito. Geograficamente essa região tinha uma configuração de meia-lua ou de chapéu de cangaceiro. Os antigos habitantes dali viviam dentro dessa faixa,

altamente rica em recursos hídricos, o que trazia grandes vantagens para o desenvolvimento de uma economia predominantemente agrícola (BALANCIN, 2002, p. 5).

Do lado da Mesopotâmia estava o rio Eufrates e o Tigre, em Canaã o rio Jordão e o rio Nilo no Egito, em África. Portanto, não só as grandes civilizações floresceram ao longo dessa faixa, mas também o comércio assim como as expedições militares da época tinham as suas rotas dentro dessa meia-lua evitando, deste modo, desertos e montanhas. Hoje, fazem parte dessa região os países como o Egito na África, e no Oriente Médio temos Israel, Jordânia, Líbano, Síria, Turquia, Iraque, Irã, Arábia Saudita e vários emirados árabes (BALANCIN, 2002, p. 5).



*Imagem 2 – Formação sobre o mundo bíblico, dos Patriarcas ao êxodo 2000-1200 a.C. (Gn, Ex, Nm).*

Para tal, o recurso a mapas do Mundo Bíblico foi fundamental, pois através deles foi possível mostrar a trajetória do povo bíblico pelo Crescente Fértil, ou Meia Lua, como se pode ver no mapa da imagem 2.

Esses encontros de formação nas comunidades foram deveras importantes para esclarecer muitas dúvidas. Por exemplo, quando se fala de África, muita gente esquece que o Egito, que tanto a Bíblia cita, faz parte da África. Quando a Sagrada Escritura apresenta a história de José no Egito, ou Moisés, com os mapas era possível mostrar que esse Egito fica na África. Igualmente, era possível explicar que o Egito já foi um grande império e foi lá onde José, Maria e o menino Jesus haviam se refugiado, de acordo com o Novo Testamento. Ao falar do Império Egípcio, foi possível também apresentar a África como um continente que teve grandes civilizações e Impérios e que é o berço da humanidade.

Em tudo isso, o mais importante não era apenas o relato do Mundo bíblico enquanto tal, mas sim, auxiliados pela hermenêutica bíblica, como olhar para a nossa própria história a partir da história do Antigo Israel, dos Patriarcas até ao Êxodo e da experiência das primeiras comunidades cristãs? Sendo assim, foi fundamental reler com as lideranças o projeto do êxodo como fundamento da fé bíblica a partir de uma perspectiva ética e teológica, como é bem frisado por Grenzer (2007, p. 13). Foi no projeto do êxodo que o Deus de Israel se revelou ao ver tamanho sofrimento dos hebreus tratados como escravos no Egito. O povo foi liberto do Egito, terra que representava a opressão e a escravidão, e foi conduzido para Canaã que, na metáfora bíblica, era a terra onde corria leite e mel. Essa terra representa nada mais do que uma sociedade alternativa pautada pelos princípios de liberdade social, política e econômica. No contexto do êxodo o tema da liberdade é fundamental e ganha uma centralidade, pois, conforme Grenzer, “Deus revela o próprio nome somente no contexto de sua ação libertadora (Ex 3). Onde houver esse Deus, a liberdade se faz presente” (2007, p. 13).

Trazendo a história bíblica para o nosso contexto, sempre ficou um questionamento e desafio atual sobre, que tipo de situações, das quais a nossa sociedade precisa de libertar-se? Que tipo de situações representam o Egito antigo na nossa sociedade e nas nossas vidas? Neste sentido, a libertação nada mais é do que o fruto da ação entre Deus e os homens (ROSA, 2010, p. 25). Sendo a libertação fruto da ação humana e divina, antropologia e teologia relacionam-se mutuamente, aliás, de acordo com Manzatto, “a teologia possui um caráter antropológico. Esquecer o homem situado na história, esquecer a história humana, pode fazer com que a teologia torne-se uma simples logologia, palavras sem relação com o vivido (1994, p. 40). O que a teologia faz e estabelece são as relações refletidas de maneira crítica e atualizada entre Deus e o homem na história, à luz da fé. Assim, uma reflexão da literatura bíblica fazia sentido, só e somente relendo a nossa história a partir dela.

Eu podia perceber quão grande era o desconhecimento e a dificuldade de as pessoas pensarem o Egito como um país africano. Trabalhar com as comunidades era algo que eu já vinha fazendo, bem antes de vir ao Brasil. Foi uma ótima experiência em termos de continuidade. Foi o trabalho com comunidades diversas, sobretudo na África, que começou a despertar meu interesse em conhecer mais a cultura de cada lugar. Nos anos 90 eu tinha tido uma formação do Escutismo em Moçambique e depois fundamos um grupo de Jovens Escuteiros na Paróquia que eu pertencia.

Hoje, reconheço que foi neste grupo de Jovens Escuteiros que eu aprendi a tomar notas nos diários de campo. Nas saídas para o campo tínhamos que anotar tudo o

que víamos, plantas, animais, desenhar e fazer mapas, etc. Aos finais de semana o grupo visitava comunidades nas zonas rurais e na época de férias escolares acampávamos durante 15 dias fora da cidade. Durante o acampamento, tínhamos saídas de pesquisa de campo onde cada grupo tinha que recolher informações, perguntar sobre o local, sua história, plantas e suas utilidades, etc. tudo isso tinha que estar anotado e depois a noite, em volta da fogueira cada grupo apresentava os resultados do que tinha sido pesquisado.

Escrevendo esse diário acadêmico, vejo que muitas atividades que mais tarde eu viria fazer, tanto nas comunidades com grupos de jovens assim como em termos de formação com as lideranças, essa base remete à essa época em que eu fazia parte do grupo de jovens escuteiros. Por onde andei, essa experiência ajudou-me muito.

Em São Paulo, quando comecei a perceber que, para além do cristianismo, no entorno das comunidades cristãs, havia outras religiões que não eram de matriz cristã, neste caso, as religiões de matriz africana, isso despertou um interesse muito grande em mim sobre a complexidade do fenômeno religioso no Brasil. De imediato fiquei curioso e queria saber como eram.

Conversando com algumas pessoas, acabei percebendo que muitas delas conheciam e reconheciam a presença de Casas Religiosas de matriz africana no bairro. Algumas tinham um vizinho que participava e outras tinham uma mãe biológica com uma Casa. Percebi que aquelas pessoas tinham uma abertura comigo para falar das religiões afro-brasileiras. Um dia, alguém disse:

- Ah, as vezes eu vou em algumas festas. No dia dois de fevereiro vou te convidar para uma grande celebração em Mongaguá, será a festa de Iyemanjá.

Fui percebendo um duplo vínculo nas pessoas. Algumas frequentavam comunidades cristãs e ao mesmo tempo frequentavam Casas Religiosas de matriz africana sem, porém, se declarar. As pessoas se identificavam com esse duplo pertencimento, o que continua sendo uma realidade. Na África procede o mesmo, as pessoas vivem a sua Religião Tradicional e também aderem ao Cristianismo sem, no entanto, se desfazerem de seus laços com os ancestrais. Para um africano, tornar-se cristão não significa de forma alguma renunciar sua identidade, pelo contrário, significa reforçá-la com outros elementos. A ideia de reforço é muito presente no meio africano. As pessoas buscam reforçar as relações sociais valorizando a dimensão comunitária; reforçam a saúde protegendo-se contra forças negativas; reforçam a relação com os ancestrais cumprindo os devidos preceitos.

Lembro-me que quando ainda fazia o ensino primário nos anos 80, éramos proibidos de falar a nossa língua na escola. Só deveríamos falar o português. Ao que ousava falar a língua local, imediatamente a turma gritava:

- Está a falar a língua nativa/ Está a falar a língua nativa/ Está a falar a língua nativa! (A contestação transformava-se em um canto).

E o professor queria saber quem era o aluno que estava falando a língua nativa. Ao identificar o aluno, este apanhava com uma vara ou um puxão de orelha. Uma vez, uma colega nossa de turma chamada Maria do Céu, pediu por emprestado um lápis em nossa língua *nyungwe*, falada na província de Tete.

- *Iwe, nkumbizembo lápis!*

Alguém gritou:

- Senhora professora, ela falou língua nativa.

Imediatamente, Maria do Céu, com medo de ser batida, se defendeu. Naquele instante, ela se expressou apologeticamente em língua local. Diante da professora, retorquiu:

-*Nkhunama kwace uyu, Nkhunama kwace uyu, Nkhunama kwace uyu!*

Literalmente significa: É mentira dele. É mentira dele. É mentira dele.

A professora, sem mais. Chegou e deu uns puxões de orelha nela e disse que não era para falar a língua nativa em sala de aula, só o português era permitido. Mas naquele instante, Maria do Céu havia levado um puxão de orelha, não devido ao que havia falado antes, mas sim porque naquele momento, involuntária e inconscientemente, ela se defendeu na língua mãe. Diante da acusação, as evidências tinham sido mais do que óbvias com a apologia feita em língua local. Não estou narrando um fato longínquo, essas são memórias dos anos 1982-1984.

Ao trazer essas memórias gostaria de realçar que, a língua, assim como a religião fazem parte da identidade das pessoas. O Português era a segunda língua, tanto para Maria do Céu assim como para a própria professora e a turma inteira. Não é por acaso que, ao se defender, Maria do Céu se expressou na língua materna, que era proibida em sala de aula. É possível ver que o Português era valorizado em detrimento das línguas locais, ponto esse que merece atenção até aos dias atuais. Em Moçambique, as pessoas aprendem e estudam o Português, o Inglês e o Francês, mas ainda não temos o ensino das línguas locais nas escolas. É uma situação que ainda aguarda uma solução.

A depreciação das línguas locais faz parte daquilo que eram as políticas de identidade promovidas pelo colonialismo com o objetivo de legitimar a sua dominação. Muitos elementos sobre identidade e colonialismo em Moçambique, Cabaço (2009) é

uma referência. Portanto, a depreciação é uma herança colonial que vem junto com o desprezo pelas culturas, costumes, modos de vida e de ser africanas e a desqualificação das Religiões Tradicionais Africanas, tidas como algo retrógrado, em contrapartida, valorizando a religião Cristã e as línguas que com ela chegaram. Em muitos aspetos, o povo africano soube distinguir o Cristianismo dos cristãos que o pregavam. Neste sentido, é pertinente invocar o tema da descolonização, pois, o sistema colonial, com suas políticas assimilacionistas, inculcou na mente dos africanos a idéia de valorização das línguas ocidentais em detrimento das línguas locais. Wa Thiong'o abre um caminho e desafio ao mesmo tempo ao mostrar que, "a descolonização do espaço mental deve seguir *pari passu* com a do espaço econômico e político" (2007, p. 28).

Ao trazer essas memórias do tempo que vivi em sala de aula, vejo uma semelhança, comparando com o caminho e o processo histórico pelo qual passaram as Religiões Afro-brasileiras e seus praticantes. O combate a tudo o que fazia parte do mundo africano foi um fato, tanto na África como no Brasil. Por exemplo, um caso típico é o apresentado por Reis, na sua obra intitulada, *Domingos Sodré. Um Sacerdote africano, Escravidão, Liberdade e Candomblé*; e na *Bahia do século XIX*, 2008. Na obra consta que, Domingos Pereira Sodré era um africano liberto e foi preso em sua casa que ficava em Salvador. Pesava sobre ele a acusação de receber por suas adivinhações e feitiçarias objetos surripiados nas casas dos senhores por seus escravos. "Candomblé" foi como o chefe de polícia denominou o que existia na casa do africano, termo já em voga nessa época para definir crenças e praticas religiosas de origem africana, ou tidas como tal, bem como o local em que estas se realizavam (REIS, 2008, p. 15).

A caracterização física do personagem e do espaço são evidentes. Domingos Pereira Sodré era um africano liberto. O que existia na casa do africano era Candomblé, enquanto local assim como as praticas religiosas que ali tinham lugar. Por detrás do combate repousa um preconceito de superioridade racial e religiosa que desqualifica a alteridade e os saberes a ela inerentes.

No contexto africano, o Cristianismo, por ser uma religião estrangeira aos africanos, ele teve que ser e continua sendo reinterpretado no novo contexto em contato com as culturas africanas. O diálogo entre o Cristianismo com as diversas culturas tem merecido uma atenção especial no Magistério da Igreja Católica, desde o Vaticano II 1962. O Cristianismo, pelo seu caráter humanístico-antropológico, encontra recepção entre os africanos e em nada contradiz com os valores humanos subjacentes na cosmovisão africana. Caso não fosse, os africanos não teriam aceitado ser cristãos.

Nessa minha trajetória, fica cada vez mais claro que, o que trás contradições, mal-entendidos, intolerâncias não é o Cristianismo em si, mas sim, os que se dizem cristãos e em nome do Cristianismo pregam algo que foge completamente à proposta cristã. Nos lugares por onde andei pude perceber isso, muitas vezes. Por isso, ao trazer minhas memórias do tempo em que falar a língua local na escola era proibido, pode se ver que aí opera o mesmo princípio de admitir uma única língua assim como uma única religião combatendo tudo o que não se enquadra naquela lógica.

Maria do Céu *apanhou* da professora por ter-se expressado em sua língua. No contexto da diáspora, quantas Marias do Céu e Marios do Céu não *apanharam* por não se identificarem e não pertencerem à *Religião Oficial*? Escrevendo esse diário acadêmico, é quase que impossível não comparar. Há muitos elementos a comparar que se tornam possíveis graças à convivência que venho tendo no Brasil, nos espaços pelos quais tenho transitado.

No período de 2004-2006 tive a ocasião de ir a Mongaguá. Era noite e a praia estava colorida e repleta de gente vestida de branco e uma miríade de velas acesas. Preces, cantos e oferendas condimentavam a orla. Fomos passando de grupo em grupo e, claro, depois paramos num lugar e ali ficamos. Eu estava contemplando e observando todo aquele cenário religioso, que jamais tinha visto.

Não havia dúvida que a experiência religiosa africana tinha sido resignificada no Brasil. E ali estavam milhões e milhões de pessoas que não só portavam, mas que vivem na íntegra a experiência religiosa africana no Brasil, numa forma séria e *sui generis*. De madrugada voltamos a São Paulo, e eu com a sensação de ter vivido um momento fascinante e único e de ter tido uma experiência religiosa fenomenal.

Aos poucos fui conhecendo e sendo levado para algumas Casas religiosas para conversar com os Sacerdotes e Sacerdotisas. Era uma experiência ímpar e altamente fascinante participar de alguns momentos celebrativos. Para além de ser africano, eu estava gostando desses contatos e relações com um público que não era o mesmo das comunidades cristãs onde eu freqüentava. Do outro lado, esses contatos estavam sendo fundamentais para entender o lugar vivo das memórias africanas no Brasil. Para mim, os contatos eram, como que, uma iniciação para entender o quão complexo era e é o fenômeno religioso no Brasil e que nem sempre havia abertura, por exemplo, para a pastoral afro nas comunidades e paróquias que eu freqüentava. A dificuldade de admitir, conviver e de relacionar-se com a alteridade é um fato real, e, sobretudo, quando se trata dessa alteridade afro.



Eu vinha de Moçambique e nunca tinha ouvido falar de Religiões Afro-brasileiras, confesso. Como eu, tantos outros que vem, pelo menos da região da África Austral, não tem a mínima ideia do que sejam as Religiões de matriz africana no Brasil, com a exceção de quem vem da África Ocidental.

Ao mesmo tempo que eu não sabia o que eram essas religiões, à medida que fui sendo convidado para participar de algumas celebrações, comecei a entender melhor e a relacionar com a experiência religiosa dentro das nossas famílias em África. Comecei a perceber elementos comuns e outros completamente diferentes e resignificados no contexto da diáspora.

Por exemplo, quando falamos de Religiões Tradicionais Africanas, é preciso entender, à prior, que se tratam de religiões de família e de relações de parentesco. Sem entender o que é a família africana, a configuração das relações de parentesco e a cosmovisão subjacente nestas relações, dificilmente poderá se entender o que sejam as Religiões Tradicionais Africanas.

Mais ainda, não entendendo essa base de família e parentesco dificilmente alguém irá captar o comportamento religioso de um africano num evento, seja ele grande ou pequeno. O nascimento é um evento que alegra a todos, é festa, e para tal, as famílias preparam comes e bebes. No entanto, antes de todas as pessoas começarem a beber, o primeiro gole da bebida vai ser oferecido aos ancestrais. Ele é derramado no chão. Um cauto observador, nesse evento, irá perceber essa relação sacral entre a família e o seu ancestral. No Brasil, fui percebendo que também existe essa tradição, é o que chamam de “*dar para o Santo*”. Que santo é esse? De onde procede essa tradição? Portanto, a noção de parentesco biológico e consanguíneo é uma chave fundamental para entender as Religiões Tradicionais Africanas.

Outro elemento, já mencionado acima, além do parentesco, em volta do qual se configuram as religiões Tradicionais Africanas é a ancestralidade. Cada família tem um ancestral biológico com o qual mantém laços de consanguinidade. Toda vez que a família se junta para algum Evento há uma invocação aos ancestrais. Dos mais diversos eventos temos, o nascimento de uma criança, os ritos de passagem, o casamento, infortúnios como a doença e a morte.

Nestes eventos há uma invocação aos antepassados para que protejam a família, o novo membro que vai nascer. Aos que vão casar para que sejam prósperos e tenham muitos filhos. Ao que está doente para que possa se curar e ao que morre para que seu espírito descanse em paz e não venha perturbar os que ficaram. Rituais apropriados são realizados para o efeito.

Ora, os africanos escravizados que foram trazidos ao Brasil trouxeram consigo estas experiências religiosas e elas foram resignificadas no novo contexto da diáspora. Na África a família se juntava em torno de um parentesco biológico, aqui no novo contexto não havia mais a família biológica, sendo assim os africanos escravizados podiam formar uma família espiritual, tendo um Baba ou uma Mãe como a figura mais importante na hierarquia da Casa.

Esse é um elemento que qualquer africano percebe quando chega aqui ao entrar em contato com as Religiões Afro-brasileiras. O grande elemento de continuidade na religião é a noção de parentesco. Daí que, um sacerdote (baba) ou uma sacerdotisa das religiões de matriz africana tem muitos filhos, não biológicos, mas sim espirituais.

Depois que comecei a entender esse panorama religioso, semelhanças e diferenças, não havia dúvida que a herança africana no Brasil era forte, e talvez, o Brasil fosse o maior país do mundo que goza de uma herança africana, seja na religião, seja nos hábitos culturais ou mesmo na língua, de uma forma singular, que não existe nem mesmo lá em África, claro, em alguns lugares.

Neste sentido, a contribuição africana na sociedade brasileira é viva e não é assunto do passado. Essa foi uma experiência muito positiva, tal que, podia perceber o entusiasmo das pessoas que tinham nomes africanos e se identificavam com eles com muito orgulho. Conheci *Semazulê* em São Paulo e *Kamungira* na Bahia e cada uma explicava o significado do nome com muito orgulho. *Semazulê* disse:

- O meu nome tem tudo a ver com o alto, o céu.

E *Kamungira* disse:

- O meu nome tem a ver com caminho. Eu já estive na África alguns anos atrás. Quando voltei, fiquei aqui em Salvador e aqui vivo.

Eu lembro-me de ter dito a ela que o prefixo *Ka* é sempre um diminutivo quando precede o substantivo e que *Njira* era exatamente Caminho. Assim, *Kamunjira* significava aquela pessoa que é do Caminho e *Baba* significava pai. Conversando, disse que essas são todas palavras de origem bantu e faziam parte do nosso vocabulário cotidiano. Tal que, toda a região do vale do Zambeze usa o termo *Baba* para designar pai. No norte de Moçambique usam *Tatá*. Também *Baba* é o termo que os povos do vale do Zambeze usam para invocar a Deus de Pai. O que me chamava atenção, nas conversas com elas, era o entusiasmo de possuir uma identidade africana e o sentido de pertencimento a uma Casa que vive essa tradição.

De 2004 a 2007 tive a oportunidade de apresentar um programa radiofônico dominical quinzenal “Missionários e Missionárias dos nossos tempos” na Radio Milícia

Imaculada. Foi um tempo muito bom, pois para além de falar da realidade missionária na África e no Brasil, sempre buscava trazer para esse programa testemunhos de vários missionários que trabalhavam, seja no Brasil ou na África. Para esse programa trazia também reflexões teológicas atualizadas, a respeito de temas específicos. Nesse programa apresentava a África na perspectiva do trabalho missionário. Era um espaço onde entrelaçava, nas reflexões, estudos teológicos teóricos com a prática missionária.

Em 2006 tive a ocasião de ir ao Pará, numa cidade chamada Itupiranga, fica depois de Marabá. Foi uma outra realidade. Visitei várias comunidades cristãs, e lembro-me de ter visto o entusiasmo das pessoas com a chegada do programa *Luz para todos* que estava sendo implementado. Durante o mês de dezembro e janeiro, saímos quase todos os dias para celebrações natalícias. Neste contexto, não me lembro de ter visto Casas religiosas de matriz africana no interior. Para além da religiosidade e simplicidade das pessoas, uma das coisas que me chamou atenção foi ver como é que elas faziam o churrasco. Cavavam um buraco, punham a lenha lá no fundo, depois que a brasa ficava no ponto certo, eles colocavam a carne em cima, espetada em paus. Uma técnica que não dispersava o fogo e a carne assava bem mais rápido.

Fomos numa outra família do interior e nos levaram para mostrar um campo de milho e lá eles tinham umas araras. Foi a primeira vez que conhecia e pegava uma arara. Era linda e colorida. Assaram umas espigas de milho e nós comemos. O Carlos era espanhol e eu Moçambicano. O jeito como a família nos recebeu fez-me lembrar o mesmo jeito como as pessoas são recebidas nas comunidades africanas, onde a hospitalidade é um valor. As pessoas oferecem o que tem de melhor. Quando é na época do milho, os hóspedes não só comem o milho assado ou cozido, mas também na saída são oferecidos o milho para levar. Saímos bem alegres com o presente.

De regresso a São Paulo passei por Marabá e, para a minha surpresa, me deparei com uma avenida de nome Antonio Maia. Sem mais, tirei uma foto de lembrança.



*Imagem 3 - Memória de Marabá, lugar por onde passei.*

Em Marabá peguei um trem até São Luis do Maranhão. Aqui dois colegas meus me esperavam. Na casa onde estávamos hospedados falaram-nos que havia quilombos em Alcântara e, se quiséssemos ir visitar teríamos que reservar um tempo. Tínhamos poucos dias e de imediato fomos até ao local das embarcações e atravessamos o mar até Alcântara. A hora que chegamos em Alcântara já era tarde para ir até aos quilombos, pois esta seria uma outra viagem.

Acabamos visitando apenas os lugares históricos de Alcântara e depois retornamos a São Luis com uma insatisfação de não termos visitado o quilombo, de quão ávidos estávamos. Era janeiro de 2006. No dia seguinte visitamos o centro velho de São Luis e podíamos perceber o quanto a presença de afro-descendentes era grande. E nos falavam:

- Aqui é a Jamaica brasileira, a terra do reg.

Tínhamos apenas 4 dias, era pouco tempo. Depois retornamos a São Paulo. Éramos todos estudantes, um da Etiópia, o outro do México e eu de Moçambique.

Seis anos depois voltei a São Luis para um congresso e fui revisitar o centro. Por sorte, durante o congresso, na UFMA, algumas pessoas nos avisaram que naquele dia a noite haveria o Tambor de Crioula no centro.

Ao final do dia, depois das apresentações, como eu, tantos outros colegas queriam assistir o Tambor de Crioula. Fomos ao centro velho e para a minha surpresa, lá estavam os negros brasileiros. Apresentaram-nos o Mestre. Quando ele soube que eu era africano de Moçambique, o Mestre ficou muito satisfeito.



*Imagem 4 - Uma lembrança com o mestre de Tambor de Crioula.*

À medida que as pessoas iam chegando, o Mestre explicava o que era o Tambor de Crioula. Dizia ele:

- É uma tradição nossa que veio de lá. Aqui em São Luis esse é o grupo maior.

O jeito como o Mestre falava, a simplicidade com que falava lembrava-me a forma como os mais velhos falam e transmitem o conhecimento aos mais novos na África. Além daquilo que o Mestre estava falando, a fisionomia dele remetia-me à fisionomia de gente que eu conhecia na África. Veja na foto a seguir, ele, Senhor John é um Mestre de obras. O encontro com o Mestre do Tambor de Crioula lembrou-me o Mestre John. Pareciam irmãos. Será que foi uma pura coincidência? O fato é que, nesse dia do encontro com o Mestre do Tambor de Crioula, a minha memória ligou-me a estes dois Mestres, um na África, em Moçambique, e o outro no Brasil, em São Luis.



*Imagem 5 - Senhor John, mestre de obras.*

Enquanto o Mestre do Tambor de Crioula falava trazendo memórias dele, minhas memórias emergiam questionativamente:

- Será que ele descende de africanos que saíram do Vale do Zambeze? Não será ele um parente, ainda que distante, do Mestre John?

Portanto, para mim, aquele estava sendo um encontro de Memórias vivas. Enquanto conversava com o Mestre, os tocadores começaram a preparar o lugar, acendendo a fogueira para afinar os tambores. Isso lembrou-me a forma como são afinados os tambores na África. Não há nenhuma diferença, pelo contrário, quando há eventos, o que os tocadores usam é a mesma técnica, que consiste em aquecer o tambor junto ao fogo.



*Imagem 6 - Fogueira para afinar os tambores.*

A ocasião e o momento eram únicos para reviver alguns momentos da minha infância. Pedi para tocar e o Mestre autorizou:



*Imagem 7 - Tocando o tambor como lembrança dos tempos da minha infância.*

Momentos depois chegavam as dançarinas e o som dos tambores começava a dar ritmo ao ambiente. A dança de umbigada me fez lembrar os tempos da minha infância. A geração dos meus irmãos mais velhos, eles dançavam a umbigada. Lembro-me que, várias vezes, nas noites de luar ia assistir danças típicas da região com os meus irmãos.

A forma de tocar os tambores, que nós chamamos de *ngoma*, era tipicamente o jeito africano da região onde eu nasci.

A dança, o canto, o toque dos batuques remetia-me a um passado que ali eu estava revivendo. Memórias de um passado longínquo brotavam naquele presente momento. Comecei a observar a técnica como tinham sido feitos os batuques, era como se tivessem sido feitos lá em Moçambique, na minha terra natal.



*Imagem 8 - Momento da dança.*

À propósito dos batuques, os povos da região do Vale do Zambeze têm muitas danças locais com recurso a instrumentos de percussão. Em quase todas as danças o batuque figura como um instrumento principal. Quando há eventos, no meio rural, por exemplo, é normal que as pessoas sejam convocadas apenas ao som do batuque. A autoridade local convoca a aldeia ou vila mandando tocar o batuque. Ele funciona como um código de comunicação: anuncia, avisa e convoca as pessoas. Portanto, o batuque não tem apenas uma função lúdica, ele é um código de comunicação.

Em 2009, enquanto fazia o mestrado, tive uma matéria intitulada: Teologia e Literatura. Foi uma outra grande oportunidade de ver as relações profundas que há entre a Literatura, antropologia e a Teologia. A literatura é fundamental, pois ela fornece elementos de análise a respeito da antropologia nela presente e de como essa antropologia estabelece relações com o campo transcendental. Dessa tríplice característica, tanto a literatura brasileira assim como a moçambicana estão repletas, é o caso do “Purgatório” de Mario Prata e o *Choriro* de Ungulani Ba Ka Khosa. Ungulani mostra como os brancos que estavam no vale do Zambeze incorporaram os hábitos locais da população africana, na época dos prazos. Foi o caso de Gregódio que, “jamais



dispensou a consulta aos ossículos para os afazeres de maior ou menor importância” (KHOSA, 2009, p. 23).

Até então, eu sabia da existência do Candomblé, Umbanda e Espiritismo. Ao ler o *Purgatório*, fiquei sabendo da existência do Santo Daime. O que Mario Prata trás no *Purgatório* não é apenas mera ficção. Há na obra o retrato de uma sociedade e de como ela se relaciona com a realidade horizontal e vertical. Ficção e realidade social se entrelaçam o tempo todo no *Purgatório*. Há igualmente na obra o ideal de vida a ser alcançado, isto é, a vida em *comum unidade* (PRATA, 2007, pp. 263-265). Juntar-se na quarta feira para comer uma feijoada. (PRATA, 2007, p. 265).

Uma outra oportunidade que tive e temos tido, como grupo de Moçambique, tem sido a participação na Festa do Imigrante, em São Paulo. Ela vem sendo um espaço e um momento especial onde apresentamos objetos de arte e a gastronomia moçambicana. Um espaço que nos une, enquanto membros do mesmo país, vivendo em São Paulo e ao mesmo tempo tem sido um *locus* onde divulgamos a nossa cultura.



Imagem 9 - Participantes da 17ª Festa do Imigrante em São Paulo, 2012.

Nesse evento buscamos apresentar, para além de outros pratos, a *Badjia*, que é um bolinho de feijão que deu origem ao acarajé. Durante o evento inúmeras pessoas vêm para provar esse bolinho e a gente fala que ele é o pai do Acarajé. Aqui o bolinho vem a ser um símbolo histórico presente e vivo na culinária africana e brasileira. Assim, fica evidente a influencia africana, não apenas na Religião, mas também nos manjares. Foi graças a trajetória acadêmica que estou descrevendo aqui, neste diário acadêmico, que Moçambique está presente neste evento.

Cada vez mais, eu tomo a consciência de que nós, os moçambicanos, temos uma Cultura e essa Cultura podemos apresentá-la aos outros. É o caso da gastronomia moçambicana, tecidos e objetos de arte moçambicana que trazemos para o evento. Cada ano há sempre um elemento novo que apresentamos. Aqui revivemos a nossa cultura e as nossas memórias. Falamos às pessoas sobre a culinária moçambicana, história e cultura. Há pesquisadores que vem para fazer entrevistas e o grupo, com muito orgulho, se coloca à disposição para falar daquilo que é nosso, a Cultura Moçambicana, nos mais diversos aspetos.

Em 2012, fiz uma matéria sobre Antropologia da Saúde e Doença. Durante o curso havia colegas que estavam desenvolvendo suas pesquisas a respeito do Santo Daime. Cada vez mais ficava clara a ideia da complexidade do fenômeno religioso no Brasil e o que havia lido no *Purgatório* de Mario Prata ficava agora claro. Ter lido o *Purgatório* e saber da existência do Santo Daime era uma coisa, mas ouvir alguém que acompanhava e participava, era outra coisa e mais fascinante ainda. Neste sentido, entendo que o Brasil desfruta de varias matrizes religiosas, o que faz da experiência religiosa no Brasil um belo mosaico real.

Em 2011 quando comecei o Doutorado, entre outras matérias, lá estava, “Do afro ao Brasileiro”. Matriculei-me na disciplina e para a minha surpresa, ali foi uma grande oportunidade de conhecer as religiões de matriz africana no Brasil, não só de forma teórica, mas também na prática, pois a matéria inclui visitas em campo às diversas Casas na cidade de São Paulo.

Ao fazer “Do Afro ao Brasileiro” a compreensão da existência de varias religiões no Brasil ampliou-se mais. Foi possível entender de forma critica as relações entre as diversas religiões, que nem sempre são pacificas. Apesar da diversidade religiosa existente, também se assiste um cenário de intolerância religiosa em pleno século XXI, tema amplamente tratado na obra organizada por Silva intitulada: *Intolerância Religiosa* (2007).

Essa breve trajetória, com esse recorte de memórias, faz parte integrante do meu diário acadêmico, pois aos poucos venho percebendo que a cultura brasileira é cheia de elementos de varias matrizes e a matriz africana é um facto real e irrecusável.

Ao mesmo tempo que essas memórias são vivas em mim, nessa trajetória acadêmica e social, a minha identidade como africano moçambicano ficou, mais do que nunca, clara. Com isso não quero dizer que antes não era clara, mas sim que, o contexto brasileiro tem contribuído muito para desenvolver minhas pesquisas sobre Moçambique e ao fazer isso, cada vez mais me identifico com as minhas raízes de origem que não

quero perder, assim como vejo alguns brasileiros buscando suas origens africanas. Enquanto africano, vejo que é possível traçar a minha árvore genealógica, o mesmo já não procede com os nossos irmãos, negros brasileiros quando tentam entender de que parte da África vieram seus ancestrais.

Portanto, as memórias da minha trajetória acadêmica no Brasil perpassam um pouco pelo País inteiro, lugares, pessoas que venho conhecendo me remetem a algo muito importante: a contribuição africana no Brasil é uma realidade viva em termos sociais, e, sobretudo no aspecto religioso. Daí que a literatura vem a ser um campo privilegiado de análise, pois ela revela um tipo de sociedade da qual brota a obra. Uma sociedade de acertos e desconcertos, uma sociedade de tolerâncias e intolerâncias, uma sociedade que sabe ou não sabe conviver com a diversidade.

Na obra de Ungulani aparece claramente uma sociedade colonial de exploradores e explorados. Uma sociedade onde a relação de poderes transita entre homens e mulheres. Ao trazer para esse diário, mesmo que de forma não aprofundada, até por que, a intenção desse diário não é essa de trabalhar as duas obras, tanto o *Purgatório* assim como o *Choriro*, quero realçar a importância da literatura como chave de análise social.

Enfim, essa breve trajetória se converte em um texto que me permite e me dá a possibilidade de traçar um fio condutor dos caminhos pelos quais meus passos têm trilhado. Posso ver nesses passos e contatos algo contínuo que agora, enquanto escrevo, vejo e percebo que a minha consciência sobre a herança religiosa africana no Brasil é clara, mais do que no começo, em 2003 quando cá cheguei. Durante esse tempo em que estou aqui, muita coisa mudou em Moçambique. Lembro-me de ter conversado com uma pessoa muito importante para mim, quando estive fazendo a pesquisa de campo em 2012. Eu queria assistir danças típicas locais. Perguntei:

- Mano, onde tocam as nossas danças aqui?

Ele responde:

- Ah, algumas coisas não existem mais, eles são civilizados agora. Não dançam mais, as coisas mudaram aqui, mano.!

Eu dei-me conta que havia feito uma pergunta de um tempo que não existia mais. Muita coisa havia mudado, já não era mais igual. As pessoas, a cidade, os costumes tinham, de certa forma, mudado. Essas mudanças tem sido então, o meu objeto de estudo. Apesar das vicissitudes, nem tudo mudou, algo permanece nas pessoas e na Cultura. Eis o cordão umbilical que me liga ainda às origens, a continuidade, apesar das rupturas causadas por eventos históricos, frutos da Globalização.

## **Bibliografia**

- BA KA KHOSA, Ungulani. *Choriro*. Maputo: Alcance Editores, 2009.
- BALANCIN, Euclides Martins. *Guia de Leituras dos Mapas da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CABAÇO, José Luis. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GRENZER, Matthias. *O Projeto do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- PRATA, Mario. *Purgatório. A verdadeira História de Dante e Beatriz*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.
- REIS, João José. *Domingos Sodré, um sacerdote africano. Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ROSA, Dirlei Abercio da. *Projeto do Pai:roteiro para estudo do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- SILVA, Vagner Gonçalves Da.(org.). *Intolerância Religiosa. Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007
- WA THIONG'O, Ngugi. *A descolonização da mente é um pré-requisito para a prática criativa do cinema africano?* In: *Cinema no Mundo: indústria, política e mercado*. (org. Alessandra Meleiro). São Paulo: Escrituras Editora, (coleção Cinema no mundo; v.1), 2007.